



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

COMISSÃO DE TRÂNSITO, TRANSPORTE, ATIVIDADE ECONÔMICA,
TURISMO, LAZER E GASTRONOMIA

PRESIDENTE: TONINHO PAIVA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 28/05/2015

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Toninho Paiva) – Bom dia a todos. Agradeço a presença das senhoras e dos senhores e também do nobre Vereador José Police Neto, um dos autores da audiência pública do dia de hoje.

Convido para fazer parte da mesa o Sr. Ronaldo Tonobohn, Superintendente de Planejamento da CET e arquiteto.

Esta é a primeira audiência pública conjunta da Comissão de Trânsito, Transporte, Atividade Econômica, Turismo, Lazer e Gastronomia e da Comissão de Finanças e Orçamento que se realiza no dia 28 de maio de 2015.

Informo que esta reunião é transmitida pelo Portal da Câmara Municipal de São Paulo no endereço www.camara.sp.gov.br, link Auditórios On-Line. A transcrição desta audiência pública estará disponível ao público no Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

A audiência pública de hoje é para discutir a nova redação dos incisos dos artigos 1 e 2, da Lei 12.152, de 23 de julho de 1996, que dispõe sobre o horário de funcionamento do Elevado Costa e Silva e dá outras providências.

Gostaria de informar que, infelizmente, tenho um velório para ir e não permanecerei nesta audiência. Este é um assunto polêmico que necessita de mais audiências públicas com a participação de vários segmentos da sociedade. Não deve ser uma decisão só do Legislativo ou do Executivo.

Passo a palavra ao Sr. Ronaldo Tonobohn, que é a pessoa que tem dados e conhecimento não só referente ao Elevado Costa e Silva, como também de toda a cidade de São Paulo.

O SR. RONALDO TONOBOHN – Obrigado. Bom dia a todos.

A CET já vem se debruçando sobre a questão de desativação do Minhocão já há alguns anos, mais de uma década, para falar a verdade. Do ponto de vista de mobilidade e do ponto de vista urbanístico aquilo sempre causou uma estranheza aquele elemento devastador, aquela cicatriz no tecido urbano da Cidade.

Sempre nos perguntamos se era de fato necessário, se resolvia os problemas de mobilidade, se seria a solução que queríamos de ligação de tão longas distâncias e tão alta velocidade e que só pode passar automóvel. Um sistema viário caríssimo, uma obra imensa, de impacto imenso e não pode passar pedestre, ciclista, veículo de carga, ônibus, serve única e exclusivamente ao transporte individual, ou seja, ele atende uma parcela pequena da população.

Diante disso, começamos a questionar a validade da existência do Minhocão e lançamos mão das nossas ferramentas de simulação para estudar a viabilidade da desativação do Minhocão como uma ligação viária.

Desde o princípio, da década de 90, quando começamos a fazer esses estudos, tínhamos uma limitação que temos até hoje do ponto de vista tecnológico: a nossa rede de simulação trabalha em cima da base de dados da pesquisa origem e destino do metrô. Essa pesquisa foi feita para se medir a movimentação de pessoas no dia de maior carregamento, ou seja, funciona para um dia de semana normal.

Então, as simulações que nós temos hoje do impacto ou das consequências da desativação do Minhocão são medidas para o período mais crítico, que é durante a semana nos horários de pico. Temos dificuldade grande de fazer simulações em situações fora desse padrão de viagens.

Já quero deixar claro que para a gente fazer uma simulação consistente em cima dos métodos científicos e com os recursos que temos hoje para horários para que não sejam durante a semana, no caso aos sábados, temos uma dificuldade grande e teríamos de fazer uma quantidade de pesquisas e contagens muito grande porque o padrão de viagens na Cidade é diferente. O comportamento das viagens aos sábados não é o mesmo que durante a semana. Portanto, os motivos de viagens são outros, as distâncias percorridas são outras, os destinos são outros e isso pode requerer da gente quase uma nova pesquisa especificamente para os sábados.

É uma situação que, hoje, partimos do zero. A não ser contagens específicas na região do Minhocão, não temos um padrão de rede, um comportamento de rede viária que nos dê sustentação para uma simulação consistente para isso.

Como visão geral da questão do Minhocão e por isso que nós junto com a CMDU apoiamos a colocação – isso foi negociado conosco no Plano Diretor – da determinação de se rever a função do Minhocão na Cidade porque temos uma leitura muito clara que o Minhocão, como sistema viário, pode ser desativado e não faz falta para a Cidade porque temos hoje já uma rede viária que daria conta das viagens. A diluição das viagens com a desativação do Minhocão se dá pela Cidade como um todo e não é concentrada. O que a gente vai ter em alguns eixos viários é um aumento de 500 veículos/hora na hora pico, que é perfeitamente fácil de absorver nas vias do entorno, mas não causa nenhum impacto severo no sistema viário hoje.

Temos ali, hoje, o eixo da Ermano Marchetti e aquela região que não existia na época em que o Minhocão foi concebido. Portanto, hoje, temos alternativas viárias para absorver esse tráfego do Minhocão.

Com relação ao que se fazer com o Minhocão, claro, nunca nos debruçamos sobre essa questão porque não é uma atribuição da Secretaria de Transportes. Não é a nossa função dizer se o Minhocão tem de ser desmontado, tem de virar isso ou aquilo, porque não temos nem todos os elementos. Nós temos uma visão que não é definitiva, mas, evidentemente, se o Minhocão for desativado, do ponto de vista da mobilidade, temos a área dos pilares do Minhocão, que são uma monstruosidade de robustos e que ocupam um canteiro central maravilhoso. Esse canteiro central pode ser aproveitado para uma diversidade de situações de mobilidade: instalar melhor a ciclovia, que hoje está sendo implantada, mas o projeto tem de resolver situações de contorno desses pilares, de transitar entre as paradas de ônibus.

Do ponto de vista da mobilidade, teríamos mais recursos de trabalhar a mobilidade na Cidade sem a presença do Minhocão. Isso não quer dizer que a gente possa julgar o mérito

de outras questões, mas do ponto de vista de mobilidade, estritamente, a inexistência do Minhocão oferece mais possibilidades do que aquele elemento construtivo permanecer ali.

É o máximo que podemos avançar do ponto de vista conceitual da existência ou não do Minhocão. Mais do que isso, é claro, a CMDU tem de ter um parecer, São Paulo Urbanismo e tudo mais.

Hoje, temos uma questão que nos preocupa particularmente não só sobre a desativação do Minhocão, como também principalmente ao projeto de lei do Vereador, que é a demanda no sábado que embora tenha um comportamento diferente, em termos de volume veicular, ela é muito semelhante ao durante a semana. Não temos muita diferença do volume de veículos aos sábados e durante a semana.

A única diferença é que as viagens têm destinos e alguns horários um pouco diferentes, mas o volume não é tão diferente, até porque tem volume grande possivelmente de compras que passa por ali, outras atividades que não só casa/trabalho. A gente até pode imaginar que as pessoas no sábado trabalham meio período e voltam mais cedo, mas na verdade, depois desse meio período, tem outras atividades na Cidade. Há shoppings ao longo desse eixo, temos o comércio da área central. Então isso precisa ser estudado com muito cuidado.

De qualquer maneira, a desativação pura e simples do Minhocão implica em algumas soluções que não temos hoje como uma proposta concreta. Por exemplo, quando estudamos a viabilidade da desativação do Minhocão, não existia um elemento que hoje faz parte do cenário e temos de lidar com ele, não existia o terminal Amaral Gurgel travando o eixo Leste/Oeste por baixo, no meio, impedindo a passagem direta da Amaral Gurgel para a São João.

Hoje existe um terminal de ônibus ali, e para não desativar o terminal e para manter a necessidade, a prioridade para o transporte coletivo, naquela região, a nossa avaliação que isso se implicaria em desapropriação na área do entorno do terminal para manter as conexões

necessárias. Isso exige certa cautela, não é só uma questão de projetos, de rever a circulação, mas uma questão de investimentos, também.

Não sabemos ainda o custo que teria essa desapropriação para recompor o sistema viário ali embaixo, para vencer esse obstáculo que existe hoje, quer dizer não é um obstáculo, um terminal de ônibus é extremamente necessário e estratégico para o transporte público, mas ele é um elemento que está no meio do eixo Leste/Oeste e isso precisa ser contornado de alguma maneira. Esses investimentos ainda não estão avaliados. Essa é a nossa grande preocupação.

Existem questões ambientais com relação a isso que não temos capacidade, pela CET, de avaliar. O Minhocão é uma caixa fechada, e se nós aumentarmos o número de volumes no viário embaixo, evidentemente, ali embaixo vai aumentar o volume de emissão de poluentes, gases e particulados, principalmente. Não temos tecnologia para avaliar. Podemos até avaliar, a nossa rede de simulação o quanto isso aumenta de emissão. Mas não temos tecnologia para avaliar como isso se dispersa ou como isso afeta do ponto de vista de saúde pública, à população.

Precisaria de uma avaliação nesse sentido, mais cuidadosa. E mesmo do ponto de vista de ruído, se isso impacta positiva, ou negativamente, também não sei. E a CET não tem essa especialização para avaliar isso, infelizmente, nossa atribuição é muito restrita a questão da mobilidade, e o entendimento do tráfego, das movimentações pela cidade.

E nesse sentido, nossa maior preocupação é de fato, como recompor o sistema viário, para não impactar diretamente, principalmente, em função da existência do terminal ali. Acredito que esses são os elementos principais que temos para trazer para a discussão. Volto a dizer, temos uma dificuldade muito grande para ter uma simulação com rigor, científico para os sábados, por conta da pesquisa feita pelo Metrô que é a base de dados da nossa rede de simulação. Não contemplar esse período, não contemplar essas viagens de sábado, de finais de semana.

No mais temos vários estudos aqui, bem complexos, cheios de números. Enfim não sei se ao longo da discussão interessar saber um pouco mais de detalhes. De qualquer maneira vamos disponibilizar, isso para a Câmara Municipal de São Paulo, não sei, nem se já está com o Vereador ou não, mas vamos disponibilizar esses estudos para a Câmara Municipal de São Paulo para dar um pouco mais de subsídios para a discussão.

Acredito que os elementos principais, à nossa preocupação, são os que coloquei e alguns esclarecimento mais detalhado naquilo que possamos responder enquanto SMT, ficamos a disposição para dar mais detalhes aqui durante a discussão.

Como introdução era o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto - Netinho) – Agradecer a fala do Ronaldo Tonobohn, e os estudos que irão compor o processo, que também ficará à disposição de todos aqueles para consultas.

Com a palavra a Sra. Yara Góes, do Movimento Desmonte do Minhocão.

A SRA. YARA GÓES – Sou diretora do Movimento Desmonte do Minhocão, e também Presidente da Ação Local Amaral Gurgel. Agradeço as palavras do Sr. Ronaldo Tonobohn, parece, até que o senhor fez o nosso discurso. Foi excelente para, nós do Movimento, é exatamente o que o senhor falo, é que pensamos. Não queremos a desativação gradual do Minhocão. Somos contra o PL 22/15. Porque não fazer como no Rio de Janeiro, na perimetral do Rio? Não houve necessidade de desativação gradual. Simplesmente desmontaram a perimetral, não virou parque para fazer o projeto da perimetral. Não queremos que ele feche aos sábados, porque senão o parque se estabelecerá ali. E não desejamos o parque em cima do Minhocão. O problema todo está estrutura que não resolve o problema da poluição do ar, nem da poluição do ar e nem da poluição sonora. Quanto aos decibéis, aquela pesquisa realizada em 91 a 93, com a desativação dos veículos lá em cima, abaixa apenas 7 decibéis. Quem está de 88 a 108 decibéis, depende do local, da região, depende do dia, essa medição, evidente que é variável. Mas se tiver a 108 decibéis, por exemplo, se baixar 7,

realmente não resolve o problema de poluição de ruído.

E outra coisa, quando acontece os eventos lá em cima, eventos de todo tipo. Então o ruído é bem maior. Chegue ser bem maior que os ruídos dos carros. É um ruído contínuo para comunidade e os ruídos que eles fazem, ou com festas, com eventos e outros ruídos existentes, são ruídos diferentes, se comparando ao ruído do carro, que é contínuo, apesar de fazer todo o mal que faz.

Então a comunidade fica em uma situação muito grande. Até gostaria de tirar os veículos e desmontar o Minhocão. Mas de você tira aos sábados os veículos, o parque vai se estabelecer aos sábados. Não queremos isso. Também tem a questão da segurança. Problema seríssimo. Quem estivesse em cima não poderia jogar coisa lá para abaixo e acertar carros e pedestres; também quem estivesse lá em cima, não poderia jogar pedras nos apartamentos, para dar aqueles problemas. Então deveria ter uma situação, resolvido todo esse problema antes que tivesse pessoas lá em cima.

Eu gostaria de saber o seguinte: se acontecer alguma coisa, como o Dr. Lúcio comentou dos problemas de segurança - inclusive na reunião que tivemos com o Prefeito -, se alguém morrer ou acontecer um caso sério lá, quem será o responsável? Quem autorizou o evento? Como que fica isso?

Então nós gostaríamos que ficasse como está, somos contra o PL 22/15, e gostaríamos que a comunidade ficasse hoje do jeito que está, os carros funcionando, passando aos sábados.

Porque o nosso objetivo é o desmonte do Minhocão, não de forma gradual, mas fazer como no Rio de Janeiro, na Perimetral, que eles fizeram o projeto, foram lá, demoliram a Perimetral e resolveram o problema.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Agradeço as palavras da Yara.

Tem a palavra o Sr. Artur Monteiro, do Movimento Desmonte Minhocão.

O SR. ARTUR MONTEIRO – Bom dia aos presentes, à Bancada da Mesa, meu nome é Artur Monteiro, sou do Conselho Participativo Municipal, Distrito República, onde se aloja o Minhocão. A lara também é do Conselho Participativo.

Não vou agradar muita gente, primeiro gostaria de deixar bem claro que o PL que estamos debatendo hoje é cópia praticamente idêntica ao antigo PL 10/2014, que cria o Parque Minhocão.

Eu não entendo por que o Vereador Police Neto, que está aqui sentado à Mesa, não fez um substitutivo ao PL original, preferiu criar outro, para justamente acelerar a desativação do Minhocão. Essa é uma crítica que faço para você.

Com relação ao andamento das Comissões, não entendo por que o Presidente da Comissão de Transportes, que teria de dar o seu aval, teve que se ausentar, não colocou ninguém na Mesa para substituí-lo. Gostaria de ter uma nova audiência do Transporte, para debatermos com o Presidente sobre as necessidades do desmonte do Minhocão para a cidade de São Paulo.

Algo que vocês nunca falam, é que o Minhocão não é um problema local, não é um problema do Centro e de Santa Cecília, o Minhocão é um problema da cidade de São Paulo, que só se resolve no chão. Isso ninguém fala. Como também ninguém fala que o PL que está sendo colocado hoje, é atentatório à saúde pública, é criminal. Esse PL mata as pessoas gradativamente. Isso ninguém fala.

Com relação a algumas perguntas sobre a parte da Comissão do Orçamento: qual vai ser a despesa desse PL para a Prefeitura? Por quê? A Câmara Municipal não pode criar PLs que deem despesas ao Executivo. Eu gostaria de saber do Presidente da Comissão, quais serão os custos desse PL que está sendo colocado? Qual é o montante? Qual é a atribuição desta Comissão em aprovar despesas para a Prefeitura de PLs, ou de arquivar um PL quando existe um custo para a Prefeitura?

Qual vai ser a posição dele, sabendo que o PL 22/2015 é atentatório à saúde

pública e aumentará a retenção de gases na infraestrutura do Minhocão? Qual é a estimativa de gastos com o atendimento em postos de saúde, UBSs, internações, inclusive com medicação? Isso deve ser levado em consideração sim, porque o PL é atentatório à saúde e vão aumentar o número atendimento nos postos e as filas na UBSs. Disso ninguém fala.

Qual é o custo estimado para indenizações futuras, pelos danos causados aos municípios? Lembrem-se que se isso for aprovado vai gerar um monte de processos aos cofres públicos, não somente ao Executivo, mas também ao Legislativo, porque esse PL partiu daqui.

As despesas com a desativação estão previstas na LOA de 2015 e estarão na PLOA de 2016? Quais os custos indiretos com o remanejamento de sinalização, incluindo placas, propaganda, custos com empregados? Na hipótese de haver eventos aos sábados, quais os custos estimados para a limpeza no local? Na hipótese de haver depredação no entorno, por conta de situações como brigas, de onde sairá a verba para reparos? Qual o custo previsto para dar segurança em cima do Elevado para os frequentadores, como mureta de contenção?

Por que pergunto isso? O elevado foi construído para veículos, não para eventos. Estou esperando ver alguém morrer lá em cima para vir um processo em cima do Poder Público.

A estrutura existente suporta modificações? O custo disso, quanto fica? Sugiro que as Comissões que estão aqui dentro sejam suspensas, até que tenhamos dados suficientes para dar seguimento, não atropelando simplesmente o mecanismo interno da Casa. Se unem, aprovam tudo, depois a gente vem aqui debater. Por que é aprovado primeiro para depois a gente vir debater? A população não merece ser ouvida?

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Muito bem. Tem a palavra o Sr. José Geraldo S. Oliveira.

O SR. JOSÉ GERALDO S. OLIVEIRA – Bom dia Sr. Presidente, senhores e

senhoras, bom dia, o Elevado Costa e Silva, o Minhocão, quando foi construído, na década de 70, pelo Prefeito Paulo Maluf, era absolutamente necessário para o trânsito na capital de São Paulo. Só que o mundo se modifica e se transforma, hoje estamos vivendo a tecnologia.

Hoje o Minhocão não existe mais de forma correta, a tecnologia não permite a sua constância e permanência naquele local, a tecnologia desenvolveu outros meios de comunicação, de transportes, inclusive e principalmente. O Minhocão se tornou obsoleto, hoje. A única alternativa que temos é o seu desmonte. Temos de defenestrar aquele Leviatã, aquele Belzebu que é o Minhocão, que causa tantos problemas e moléstias à saúde pública dos moradores do entorno.

Quem quer que o Minhocão se transforme numa área de lazer são pessoas que não residem ali, são pessoas que ouvem a BBC de Londres, leem o *Washington Post*, mas nós não, nós residimos ali. Eu moro do lado do Minhocão, moro com a minha família, sofrendo moléstias, inclusive, por causa da sua poluição e do seu ruído.

Não se leva em consideração a saúde pública, colocam um projeto de lei atentatório à saúde pública, os moradores quase morrendo por causa da poluição. Poluição atmosférica mata, senhoras e senhores. Pode não matar hoje, mas mata daqui há cinco, 10, 15, 20 anos.

Querem fazer com que retrocedamos na história, que passemos por aquela época terrível, em 1940, quando colocavam pessoas dentro do cubículo, apertavam um botão e as pessoas morriam por causa da poluição atmosférica que era introduzida ali. Querem fazer isso com os moradores que moram ao lado do Minhocão.

Tenham a santa paciência, senhores e senhoras! Nós moramos ali e temos direito à vida, é norma constitucional, artigo 5º, da Constituição, Sr. Vereador. Nós temos direito à vida, os moradores dali têm direito à vida, não querem de forma nenhuma a permanência da poluição sonora, poluição dos ruídos que existem hoje por causa do Minhocão. Estamos cansados de frequentar hospitais, consultórios médicos por problemas de saúde. É rinite,

sinusite, entre outros. Há pessoas morrendo ou em estado terminal por causa da presença nefasta do Minhocão.

Nós que moramos ali, sentimos na pele. Quem vem circunstancialmente ali não sabe o que se passa. Quem passa de vez em quando, não sabe o que ocorre. Os frequentadores dos domingos não residem ali, eles vêm de outros locais.

Pesquisas são lançadas na mídia, mas não dizem que os moradores são absolutamente contra uma área de lazer em cima do Minhocão. Todos somos contrários ao fechamento do Minhocão aos sábados por motivos de saúde pública. Esse projeto de lei é atentatório à saúde dos moradores. Isso é um absurdo, Sr. Vereador.

Nesta Casa devem ser elaboradas leis para a mobilidade, para a tranquilidade e, principalmente, para a saúde dos moradores e esse projeto de lei faz exatamente o contrário. O objetivo dele vai contra a saúde pública de quem reside ali.

Convido qualquer um dos senhores a me visitar para ver o que sofremos. Diversas emissoras de TV, como Record, Bandeirantes e Globo, já estiveram em casa com aparelhos para medir índice de poluição e de ruído. Foi comprovado, consta na mídia, que esses índices são altíssimos e a saúde das pessoas que ali residem está precária.

Nós, os moradores, somos absolutamente contrários a esse projeto de lei. Temos sim de defenestrar aquele Leviatã, o Belzebu que é o Minhocão hoje. Não no passado, mas hoje ele não se faz necessário. Quem mora naquele local sabe do que estou falando.

Obrigado a todos. Obrigado, senhoras e senhores. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Sr. José Geraldo. Tem a palavra o Sr. Francisco Gomes Machado.

O SR. FRANCISCO GOMES MACHADO – Bom dia a todos. Sou Diretor do movimento Desmonte do Minhocão. Também sou Diretor de assuntos sociais e comunitários do Conseg Santa Cecília, Barra Funda, Higienópolis e Campos Elíseos.

Trago duas observações que gostaria de fazer. Primeiro, quero saudar o nosso

caríssimo Sr. Ronaldo, que fez uma exposição muito técnica e esclarecedora do assunto. Quero destacar um ponto: alega-se para a proibição do tráfego de veículos, aos sábados, sobre o Minhocão, que ele seria irrisório, isto é, o número de veículos seria muito menor do que durante a semana. O Sr. Ronaldo, tecnicamente, esclareceu que a diferença é mínima, portanto essa é mais uma falácia – para não dizer mentira – dos que estão propondo esse novo absurdo que é esse PL 22/2015.

O segundo ponto que gostaria de dizer é que, no sábado, a *Folha de S.Paulo* publicou, no caderno Cotidiano, uma reportagem sobre o Minhocão. Fomos entrevistados, assim como o Sr. Police Neto. Pasmem os senhores que ele declarou para o referido jornal que é favorável ao desmonte do Minhocão, mas que, como isso vai demorar, vamos fazer um parquinho, uma área de lazer. Está no texto, no caderno Cotidiano, da matéria da *Folha de S.Paulo* do dia 23 deste mês.

Ora, pergunto o seguinte: vamos raciocinar. Todos são pessoas inteligentes e cultas, munícipes conscientes que vieram a este Plenário, às 10h, inclusive várias pessoas faltaram ao trabalho, como eu. Vamos ponderar: quem em sã consciência proporia algo assim. O Sr. Police Neto declarou à *Folha de São Paulo* que é favorável ao desmonte do Minhocão, quer dizer, tem de ser desmontado, tirar aquela cicatriz urbana, como disse muito bem o Dr. Geraldo, esse Leviatã que atormenta a vida de mais de 230 mil moradores e eleitores.

Então, imaginem, alguém chega e diz: “Esta casa velha, com mais de 40 anos de construção e com infiltrações precisa ser demolida”. Basta os senhores fazerem analogia com o Minhocão. Mas alguém aparece, como o Sr. Police Neto, propondo uma reforma: vamos fazer um campinho de futebol, uma piscina? E o que é pior: com dinheiro público, dinheiro dos senhores, que são munícipes, que trabalham, se esforçam e pagam os impostos - muitos deles abusivos. Ele vem e apresenta uma proposta dessas, absurda. O Sr. Police Neto reconheceu, na *Folha de São Paulo*, que é preciso demolir. Mas, antes, vamos reformar. Vamos fazer um campinho de futebol, uma piscina? Quer dizer, gastar dinheiro público em algo que precisa ser

demolido. Então gasta na reforma e gasta na demolição. Esse é o Sr. Police Neto. (Palmas)

Por último, gostaria de acrescentar algo com relação à exposição do Sr. Ronaldo. Ele fala que a diferença do tráfego de sábado para os dias de semana é mínima. Então, proibindo as pessoas de usarem esse meio viário, elas vão se embolar na parte de baixo do Minhocão. Assim, o índice de poluente, gases tóxicos e monóxido de carbono vai se multiplicar ou triplicar junto às mais de 30 linhas de ônibus que passam sob o elevado, que são todos a diesel, e que são mais poluentes que os carros.

Por isso propor a um idoso, a uma criança ou a uma família para inocentemente passear em cima do Minhocão, sendo que debaixo vem aquele bafo da poluição triplicada, que vai agredir a saúde de milhares de pessoas que estão passeando e não estão vendo os gases tóxicos penetrando em seus pulmões. Esse episódio lembra – como bem assinalou o Sr. Ronaldo – certa câmara de gás do século passado. É isso que o Sr. Police Neto está propondo: levar pessoas inocentes para passear, como se não estivesse acontecendo nada, quando embaixo está aquele vulcão de gases tóxicos que sobem e agredem as pessoas. Sr. Vereador, vamos criar juízo!

Acabamos de receber um e-mail do Subprefeito Alcides Araújo dos Santos, pois a associação, que quer fazer a área de lazer sobre o Minhocão, pediu uma audiência com ele, e no final pediram para tirar uma fotografia, como também fizeram com o Prefeito Haddad, e pessoas, as autoridades inocentemente fizeram as fotos e essas fotos estavam sendo exploradas.

No segundo fórum sobre o Minhocão, realizado nesta Casa, o Sr. Luís Eduardo Surian Brettas, Superintendente da Diretoria da São Paulo Urbanismo, representando o Secretário de Desenvolvimento Urbano de São Paulo - Fernando de Mello Franco que, infelizmente, não pode comparecer – em relação à exploração política da foto do Prefeito segurando a bandeirinha do negócio da área de lazer, declara, textual - é o Luís Eduardo Surian Brettas transmitindo um recado do Sr. Prefeito Fernando Haddad: “O Prefeito teve uma

foto divulgada, acho que na sexta-feira passada, foto dele segurando uma foto com relação ao parque. A posição não é essa, a posição é escutar todas as vertentes”. Quer dizer, ele está lá disposto a receber quem quer que seja, tanto é assim que quinta-feira passada nos recebeu, aliás, muito amável, com ponderações muito inteligentes a respeito do Minhocão. “Escutar quem tenha boas ideias, boas propostas com relação ao impacto que o Minhocão causa na nossa cidade. Quer dizer, nós temos um equipamento que foi construído sem o menor critério, sem a menor análise de impacto. Pode-se dizer a mesma coisa do projeto desse senhor que está na mesa, do Sr. Police Neto, um projeto sem o menor critério, sem a menor análise de impacto. E hoje ele jamais seria construído...”

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Quero apenas comunicar que o senhor já falou por 10 minutos.

O SR. FRANCISCO GOMES MACHADO – Está bem. Estou terminando. Só estou transmitindo uma coisa do Sr. Prefeito, e o senhor precisa ouvir.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Fique à vontade, à vontade.

O SR. FRANCISCO GOMES MACHADO – Porque o senhor se ausentou da reunião desrespeitando as centenas de pessoas que estavam no fórum, dizendo que precisava sair porque o senhor tinha que buscar a sua filha no voleibol! O senhor tinha que ter ouvido a crítica dos munícipes!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Seu Francisco, Seu Francisco...

O SR. FRANCISCO GOMES MACHADO – E agora o senhor quer me cortar a palavra? Ah!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Não estou cortando, só estou comunicando que são passados 10 minutos.

O SR. FRANCISCO GOMES MACHADO – Por favor, então não interrompa! Por favor, não interrompa!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Desculpe, senhor...

REUNIÃO: 15651 DATA: 28/05/2015 FL: 15 DE 47

- Aplausos.

O SR. FRANCISCO GOMES MACHADO – Obrigado. É uma falta de respeito o que ele fez no segundo fórum. Ele deu um recadinho de cinco minutos e saiu correndo, por quê? Porque não quer ouvir as críticas dos munícipes. Isso é demagogia. Ora, o que é isso?

Continuando: “... a menor análise de impacto e hoje ele jamais seria construído. O Minhocão, e todos sabemos disso, não passaria em lugar nenhum, mas ele existe e está lá”.

Agora, nós acabamos de receber um e-mail do Sr. Alcides Araújo, que recebeu a mesma comissão, ele tirou a mesma fotografia, não segurou a bandeira, mas manda um e-mail dizendo: “Caro Artur e demais copiados do MDM – Movimento Desmonte Minhocão. Não sou favorável à construção do Parque do Minhocão, muito menos à utilização indevida da minha imagem. Fiquem à vontade para dar publicidade a esta mensagem. Forte abraço. Alcides Amazonas. Subprefeito da Sé”.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Francisco. Tem a palavra Irene Machado para a sua exposição.

Antes, preciso prestar um esclarecimento: nunca me furtei a qualquer debate, tanto é que por diversas vezes recebi o Desmonte e os diversos grupos não só em meu gabinete como também em todas as audiências as quais somos demandados.

Quero dizer ao Seu Francisco que, da mesma forma que já recebi o senhor em nosso gabinete, tenho participado de diversos debates, talvez tenha sido uma única oportunidade em que não consegui ficar até o fim porque em todas as audiências públicas aqui realizadas, eu fiquei sim até o fim. Naquele dia fiz questão de estar na abertura da reunião, até porque não tinha participado da decisão nem do horário nem do dia, para anunciar que tinha uma responsabilidade de pai e preferia não perder a oportunidade de pai, naquele dia, e anunciei no começo da reunião. Fiquei até o limite, fiquei por uma hora e não dei um recadinho e saí. Fiquei das 7h – e não havia começado, fiquei conversando com as pessoas – até o

horário limite, e é como estarei no dia de hoje, como estarei nas próximas audiências, sem nenhum problema. Acho que temos de fazer o debate, temos de receber as informações técnicas e avançar.

Mas, veja, Seu Francisco, as agressões, as ironias também não contribuem para o debate. Estarei aqui da mesma forma que todos, e mesmo recebendo agressões, ironias, sempre acreditando que o resultado do debate é produzir uma cidade melhor. Não vou devolver ao seu senhor esse modelo de ironia, de agressão, pois acho desnecessário. Para construir uma cidade melhor temos de ter o verdadeiro espírito de vizinhança, que muitas vezes não é revelado numa sala. Perdoe-me!

(Aplausos)

A SRA. IRENE MACHADO – Bom dia a todos. Há 45 anos sou moradora da Avenida São João. Convivo com aquele monstro há quase meio século.

Eu nunca falei em público, muito menos num microfone, e eu não sabia que ia poder falar aqui. Então não me preparei para tal, não me preparei com a mesma consistência que os meus colegas.

Algumas pessoas presentes chacoalharam a cabeça ironicamente, rindo do que ele estava falando, porque a grande maioria é a favor do Parque Minhocão, talvez até o senhor, embora eu seja totalmente a favor do desmonte imediato e sei que o senhor também é a favor, eu discordo totalmente do Parque Minhocão. Por quê? Porque o senhor mora no Morumbi e eu moro na Avenida São João.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Quem é esse senhor que você está falando que mora no Morumbi?

A SRA. IRENE MACHADO – Você mora na zona Sul, não mora?

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Eu não moro no Morumbi.

A SRA. IRENE MACHADO – Mas é na zona Sul, não é? Você não mora na minha região.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Só para prestar um esclarecimento importante: eu só não moro hoje na Alameda Santos, esquina com a Angélica, aonde morei um bom tempo, a menos de 400 metros do Minhocão, porque me casei e mudei para o ambiente em que minha esposa morava, só isso. Mas continuo proprietário de uma área lá, e ainda acho que voltarei devido o esforço que estamos fazendo aqui.

A SRA. IRENE MACHADO – Esta semana eu me debrucei e estudei o porquê de determinadas pessoas estarem tão interessadas em fazer o Parque Minhocão. Há pessoas interessadas, debruçando-se imensamente, empenhando-se, mas moram no Jardim Europa. E nós estamos falando da região central, de Santa Cecília, que é o bairro em que eu moro, é o quintal da minha casa e eu não vou palpitar no Morumbi, não vou palpitar na Avenida Europa e não vou conjuminar com empresa de arquitetos renomados para fazer nome em cima do meu quintal. Quintal que vejo da minha janela e quando preciso dormir, descansar, nem no domingo consigo descansar, nem no domingo porque virou área de lazer, camelódromo, virou ponto de tráfico de droga, de eventos culturais barulhentos. Nem aos domingos eu posso descansar.

Faltei no serviço, deixei de trabalhar num dia de chuva para dar o meu depoimento. E agora vocês que estão chacoalhando a cabeça, rindo de nós, moradores? Vão lá e sintam a nossa situação! Eu varro a minha loja três vezes ao dia, três vezes. Sabem o que eu tiro? Uma xícara de chá de pó, e não é poeira, é pó metalizado, são partículas de metal e três vezes ao dia. E agora você vai fechar aos sábados o Minhocão para área de lazer? Que maravilha para quem não mora lá. Os carros todos vão passar lá embaixo e lá embaixo eu vou respirar aquilo? E à noite eu não vou dormir porque são skates, é evento cultural, são traficantes, sexo explícito na minha janela. Eu não posso sair na janela. Aos domingos eu me sinto como um animal, enjaulada! Você sai na janela, há um monte de gente tirando foto: olha que ser estranho, mora no Minhocão! E bate foto da minha janela, da minha privacidade, não tenho privacidade alguma. São 45 anos morando lá, e a cada dia está piorando. Também há venda de cd pirata, venda de roupa, tudo que você imaginar estão vendendo, inclusive drogas e isso

REUNIÃO: 15651 DATA: 28/05/2015 FL: 18 DE 47

faz muito tempo.

Tenho uma série de filmagens, mas à noite eu não posso filmar, e são as melhores imagens, porque eu já levei pedrada, quebraram meu vidro. Juntam grupos e ficam fumando. O cheiro da maconha chega dentro do nosso apartamento, eu moro no terceiro andar. De manhã respiro aquele ar contaminado e à noite estou quase viciada de tanto cheirar aquela coisa.

Então é muito fácil palpitar para quem mora no Jardim Europa. Falei e vou repetir: os moradores de Santa Cecília não vão palpitar no quintal de ninguém e que não venham palpitar no meu quintal.

Era isso que tinha pra falar.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra a Sra. Lia Zalszupin.

A SRA. LIA ZALSZUPIN – Bom dia a todos. Sou vice-presidente da Associação dos Moradores da Consolação; membro da nova diretoria do Conseg Consolação e membro do Conselho Gestor da Praça Roosevelt.

Desculpe palpitar num quintal que não é o meu, mas é que há problemas que são extremamente parecidos. Os moradores do entorno da Praça Roosevelt, há dois anos, enfrentam os mesmos problemas que vocês aos sábados e domingos. Cultura nesta cidade virou sinônimo de barulho, sinônimo de desrespeito total. (Aplausos)

Qualquer evento “cultural” gera uma poluição sonora desastrosa para os vizinhos, e o que os vizinhos ouvem? Não está satisfeito? Mude-se! Vá morar em outro lugar, e é sair de um imóvel comprado muitas vezes à custa de muito esforço, ou herança de família ou o único lugar que a pessoa tem ou nem é comprado, é alugado porque é ali que pode alugar. Os moradores da Praça Roosevelt são hostilizados e, com certeza, ao redor do elevado, acontece o mesmo.

Então, em primeiro lugar, sou contra o fechamento gradual aos sábados porque aos domingos já acontecem eventos pseudoculturais suficientes naquele entorno, os quais geram

muita perturbação sonora, perturbação na saúde, estado de nervos.

Em segundo lugar, se fosse uma mulher com um carrinho de criança, com um cachorrinho ou um idoso passeando pelo elevado, acho que não haveria problema. O problema são os grandes grupos e suas caixas acústicas, ainda que não seja um evento para perturbar o sossego da vizinhança. E perguntam: por quê? Porque eu posso, porque o espaço é público. Sim, o espaço é público, mas tem de ter um fim social e o fim social pseudocultural invade aos domingos o sossego das pessoas e que dirá aos sábados!

Sr. Ronaldo, o senhor disse que a malha viária suportaria bem o tráfego. Queria saber por quais ruas? O senhor disse que é uma via de alta velocidade, mas ela não é. A maioria do período diurno de uso do elevado, há congestionamento em baixo e em cima. Então não é de alta velocidade. Quais seriam então as ruas que iriam absorver esse tráfego? O senhor disse que há uma via para dominar o trânsito de indivíduos, mas não é o coletivo, a ciclovia é a mesma coisa e pior, pois realmente vai uma pessoa só, num automóvel podem ir duas, três ou quatro pessoas.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. LIA ZALSZUPIN – Mas perturba da mesma maneira.

Nós somos totalmente favoráveis ao desmonte do Minhocão desde que os estudos viários comprovem que as artérias, ao redor, vão absorver o trânsito porque não é trânsito local, é da cidade toda, da zona Leste até a Anhanguera. Tudo isso tem de ser muito bem estudado, tem de saber quais as vias que absorverão o tráfego. O fechamento aos sábados, não soluciona nada, vai gerar ainda mais problemas.

Obrigada.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra Andres Huerta.

O SR. ANDRES HUERTA – Bom dia a todos. Fui convidado pelo Sr. Wilson e quis vir aqui porque agora vou ficar no Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, e é

importante saber os problemas, as coisas que há na cidade.

Minha ideia é o Movimento Desmonte Minhocão, e o PL 22/15 é atentatório à saúde e à segurança dos munícipes porque os usuários de veículos, que usam o Minhocão aos sábados são diferentes dos que por lá trafegam durante a semana. Aos sábados são pessoas que vão ao centro fazer compras ou resolver assuntos pessoais. Impedi-las de usar o elevado prejudicará o comércio do centro. E a Prefeitura tem que oferecer rotas alternativas. Os veículos se acumulam nas pistas debaixo do Minhocão aumentando a poluição atmosférica, sonora e visual, pois suas pistas de concreto funcionarão como tampa de panela, que impedem os gases tóxicos emitidos pelos carros se dispersarem pela atmosfera invadindo os apartamentos, o comércio e os pulmões de milhares de moradores e eleitores.

As próprias pessoas que andarem pelo Minhocão, incluindo crianças e idosos, pensando que estão fazendo algo benéfico à saúde, estarão respirando ar altamente poluído, que vem debaixo, que é ejetado pelos escapamentos dos milhares de carros que se acumulam nas pistas sob o elevado, sem falar nos gases mais poluentes ainda mais nocivos à saúde humana, que são os ejetados pelos escapamentos das mais de 30 linhas de ônibus que circulam em baixo.

Reafirmamos: o assunto Minhocão é um problema de saúde e de segurança pública, e a única solução é o seu desmonte.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra a Sra. Dinah Piotrowski.

A SRA. DINAH PIOTROWSKI – Bom dia. Sou diretora do Movimento Desmonte do Minhocão e conselheira participativa da Subprefeitura da Sé, justamente na área de Santa Cecília.

Acho que não sobrou muita coisa para eu falar, a maioria do que eu tinha apontado, que era a poluição sonora, do ar, a invasão de privacidade, os eventos culturais com amplificação excessiva, tudo foi mencionado. Não quero ser redundante. Gostaria apenas de

dizer: desmonte do Minhocão já, por conta de tudo isso.

Acho que através do conhecimento que vamos adquirindo, podemos até mudar de posição. Ninguém é contra um parque, mas um parque suspenso, acho que podemos chegar à conclusão de que não seria o melhor para a cidade. O que temos mesmo de pensar é talvez no desmonte e em arborizar, colocar ciclofaixas e humanizar o chão, que hoje é ocupado por essa estrutura horrorosa.

Ando muito pelo centro, faço questão de andar por baixo do Minhocão. Realmente é uma coisa deprimente, horrorosa, insalubre, enlouquecedora. Então, desmonte já do Minhocão!

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. O próximo é Davi Lacerda.

O SR. DAVI LACERDA – Bom dia Vereadores, bom dia a todos. Estou aqui particularmente em defesa da abertura aos sábados ao público do Minhocão.

Ao contrário do que foi dito, eu moro em Santa Cecília, e há gente em Santa Cecília que quer o fechamento do Minhocão aos sábados. Se não houve até agora a fala do outro, por favor, estou aqui. Eu moro muito próximo, eu gostaria que minha fala ficasse registrada.

Por que eu gostaria que fechasse aos sábados? Gostaria porque eu tenho percebido que o fechamento aos domingos, a apropriação do espaço aos domingos melhorou a vitalidade no meu bairro. Uma coisa que era extremamente degradada, uma noção extremamente prejudicada na cidade, tornou-se um ambiente desejado por inúmeras pessoas, e pessoas que também moram ali. Então há possibilidade fazer esporte quando eu não podia fazer em nenhuma região, há possibilidade de correr à noite durante um período por alguns minutos, por três quilômetros, sem interrupção de carros, isso é uma coisa importante para mim, enquanto pessoa, mas também é importante para inúmeras pessoas que ali estão. Não é só importante para as pessoas que vêm durante o domingo, isso também é importante para as pessoas que moram ao lado.

Então gostaria de enfatizar essa questão, quando as pessoas dizem, algumas delas, que se mobilizam para vir à Câmara com discursos muitas vezes encenados, que não é uma coisa da realidade. Isso é uma fantasia muitas vezes. Está vendendo uma ideia de que as pessoas de Santa Cecília não querem aquilo. Eu gostaria do fechamento aos sábados. Então se eu gosto, sei também que muitas outras pessoas – que são meus vizinhos – gostam também porque convivo com eles.

Outra questão, e aí gostaria de enfatizar que essa é uma oportunidade porque o fechamento aos sábados vai nos permitir analisar com mais propriedade o que acontece com o trânsito naquela região. As pessoas que dizem não poder fechar aos sábados se baseiam em especulações, porque tudo o que temos hoje são especulações. Não sabemos exatamente o que vai acontecer com o trânsito. Quando fecharmos aos sábados teremos ideia exata do que acontece com o trânsito naquela região aos sábados. E isso vai nos permitir fazer correções que são interessantes para todos os que moram no entorno.

Conheço a estrutura do Minhocão muito bem. Conheço tanto em cima quanto em baixo. Ontem estive lá para comprar uma estante, outras vezes vou tomar café na Padaria das Palmeiras, que fica muito próxima a minha casa – vocês todos devem conhecer – e percebo muito bem que há um vão no Minhocão muito maior do que aparece na televisão.

Por exemplo, quando as pessoas veem aquela imagem do Minhocão, as moradias todas coladas, aquele é um efeito de ótica. É muito próximo realmente, mas são oito metros, isso é importante de se falar porque estamos na audiência pública e as pessoas que estão longe daqui podem ter uma impressão diferente. Eu que estou todos os dias ali percebo que também há céu e que é possível revitalizar aquele espaço sem a demolição completa.

Outra coisa, quanto às questões da poluição, poderíamos nos unir ao invés de ficar brigando entre demolir, construir um parque, porque muitas vezes há outras razões. Por exemplo, os ônibus tem um fator poluente muito grande tanto sonoramente, quanto em termos de partículas e a estrutura do Minhocão oferece uma possibilidade de termos ônibus elétricos

naquela região, o que reduziria em muito todas essas nossas reclamações.

Quando se fala, por exemplo, da luminosidade. Nós estamos aqui num espaço completamente fechado e conseguimos nos ver, nos comunicar de forma decente, então essas seriam possibilidades de melhorar a nossa qualidade de vida no entorno pensando também no futuro.

Vou fazer uma digressão e queria que vocês me acompanhassem nisso. Trabalho muito com as questões das imagens. Sou dermatologista e trabalho com a questão narcísica. Quanto ao mito do narcisismo muita gente pensa: narciso é quando ele se apaixona por sua imagem e definha. Esse é o mito. Na realidade, o que acontece muito no mito do narciso é que ele não consegue mais perceber a realidade do seu entorno. Então as pessoas que de repente dizem querer desmontar o Minhocão e por isso querem que ele não tenha carro aos sábados, isso talvez seja essa impossibilidade de ver a realidade. Uma nova realidade que se apresenta e as pessoas estão tão apaixonadas por suas ideias que não conseguem perceber que estão contra a própria ideia que defendem. Então estariam contra a ideia do desmonte.

Essa ideia é genuína. É isso o que quero deixar para vocês, ou ela é simplesmente um pretexto ou simplesmente uma fantasia para vender para as pessoas e deixar as coisas como estão. Gostaríamos que pensássemos sobre isso.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço ao David. Tem a palavra a Sra. Renata Falzoni.

A SRA. RENATA FALZONI – Bom dia. Sou Renata Falzoni, jornalista, editora de um portal chamado *Bike é Legal*. Pedalo na cidade de São Paulo há mais de 30 anos, há 40 anos exatamente. Acompanhei de perto a construção do Minhocão, porque como arquiteta estudava pertinho do Minhocão e acompanhei a construção. Havia uma polarização muito grande na Faculdade Mackenzie de Arquitetura sobre a eficácia ou não, etc. e tal.

Não sou moradora, mas frequento muito aquela região, pelo menos duas ou três

vezes por semana, a trabalho, raríssimas vezes a lazer, mas conheço ali porque fundei o Night Bikers Club no ano de 89, quando o Minhocão estava sendo fechado à noite. E desde então acompanhei a apropriação do espaço público, que foi totalmente espontânea, um fenômeno muito interessante, pouco estudado e muito pouco falado, especialmente naquela época, porque foi uma coisa sem nenhum tipo de planejamento.

Analisando o que está se falando aqui gostaria que ficássemos no foco. Não estamos no foco da discussão que é a retirada dos carros do Minhocão nos sábados. O que vejo é um pessoal que está falando do desmanche, da destruição do Minhocão polarizando com argumentos legítimos porque são pessoas que moram lá.

Mas por outro lado, se formos dar uma limpada no que está acontecendo, fala-se assim: o Minhocão é barulhento, poluído e perigoso. O Minhocão não é nada disso. O Minhocão é uma estrutura parada, silenciosa, quieta, inerte que está lá. E quem causa todos esses problemas no Minhocão é a circulação de veículos lá em cima. Isso é muito claro. Os veículos desta Cidade são o grande problema. Eles matam um pedestre e meio por dia, poluem, matam 12 pessoas por dia por causa da poluição.

Então o foco desta discussão deveria ser a retirada ou não também aos sábados dos veículos poluidores, cujos motoristas incautos atropelam, cujos carros andam pesando uma tonelada, uma tonelada e meia, emitindo poluição, matando de fato a população. No entanto, as pessoas estão defendendo a manutenção dos carros no Minhocão por quê? Porque a ocupação do espaço como está acontecendo não está de acordo com a cidadania, enquanto deveria ser esse o foco da discussão: como fazer com que a população paulistana se aproprie do espaço legítimo dela, de forma cidadã.

Agora, defender a manutenção dos carros no Minhocão para fugir desse problema, há outra coisa por trás disso, que é um enorme preconceito social que a Cidade brasileira vive. O nosso problema da ocupação do espaço público remete a uma exclusão social muito grande, que não está em questão nunca. Por isso, em minha opinião – desculpe, não estou ofendendo

os senhores -, as pessoas ficam absurdamente defendendo a passagem de carros para defender saúde e segurança. Não dá para entender qual a lógica da manutenção de carros no Minhocão para manter paz, segurança, não poluição e tudo o mais.

Quer dizer, vamos desmontar esse tipo de argumentação e encarar os fatos. Toda vez que a cidade de São Paulo é apropriada pelas pessoas traz junto um problema de falta de educação, de falta de inclusão social e de falta até de cidadania para se criar a cidadania. Essa é a questão que deveríamos discutir.

Voltando ao fato da discussão de hoje, proponho que pensemos assim: o Minhocão em si está lá. Ele não faz barulho e não é ele que mata. Os carros em cima dele são desagradáveis. Acompanhei uma medição de barulho. Às nove horas estava em 80 decibéis. Quando os carros foram retirados, caiu para 10 decibéis. Ficou aquela paz e as pessoas começaram a se apropriar do Minhocão. Ninguém mediu, na minha frente, o ruído produzido por banda e outros. Esse é o problema: como vamos reapropriar o espaço público com cidadania. Já pedalei em 28 Países no exterior. Em todos os Países do mundo existe uma escola de cidadania onde as pessoas se apropriam com civilidade do espaço público.

Proponho que se questione: vamos tirar os carros que são o grande problema do Minhocão, sim, neste momento e vamos fazer um debate bem argumentado dos estudos a respeito do que significa retirar ou não a estrutura. Particularmente, sou favorável a uma adequação de um parque, com parcial retirada, com parcial passagem de luz, com uma integração do ponto A ao ponto B para uma enorme ciclovía em cima, um espaço ocupado com cidadania e valorização muito bem feita e estudada do espaço que vem por baixo e não a gentrificação. É levar em consideração aquelas pessoas que estão em situação de risco. Não estão falando que esse é o grande problema daquele lugar, que é uma grande exclusão social. Os moradores são os zumbis que estão lá. Temos de incluir essa população e ninguém está discutindo isso. O problema não é o Minhocão e sim a ocupação das pessoas quando não há carro, porque o problema desta Cidade está mesmo no carro. Carro-dependência tem cura. É

pior que droga e começa com uma retirada do carro.

Por isso, desculpe, hoje os carros estão lá. Quando são tirados, não acontece nada. O pessoal gritou, gritou, gritou que as obras da ciclovia da Avenida Paulista iam parar a Cidade e elas estão lá. As obras da ciclovia estão acontecendo, a Cidade não está parada e quem estava se incomodando com o tráfego foi para outros lugares. O mesmo vai acontecer no Minhocão: retiram os carros às sextas-feiras, aos sábados e aos domingos e não será o caos. As pessoas vão começar a utilizar o transporte público, vão andar a pé, de metrô, enfim, vão mudar. E os comerciantes vão perceber que eles não precisam dos motoristas passando de carro e tapando a fachada das suas lojas. Os comerciantes precisam de consumidores a pé, com disponibilidade de sair e chegar à frente de seus estabelecimentos. Isso está provado, não estou inventando. Isso aconteceu em vários lugares do mundo.

Proponho que voltemos ao foco da discussão: a retirada dos carros também aos sábados e como vamos fazer com que a apropriação do espaço público desta Cidade, não apenas do Minhocão, mas em todos os lugares, aconteça de forma cidadã.

É isso que tenho a falar. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Sra. Renata.

O SR. LAERTE BRASIL – Sou Presidente Federação Unidas dos Municípios, Trabalhadores e Empreendedores distrito da Sé. Órgão Institucional da União Global do Trabalho Sustentabilidade e Cidades. Quando estava instituindo essa Lei 12 152, debate, a demolição, já naquela época, do Minhocão. Uma verdadeira obra, uma verdadeira aberração, não só aqui, para os Municípios da Sé, mas para todos os Municípios da Cidade de São Paulo. Já denunciei no Ministério Público, naquela época para investigação, de quase 40% de obras superfaturadas feita pelo ex-prefeito Paulo Maluf. E apresentei, na Lei do nobre Vereador José Eduardo Martins Cardoso, que aos domingos seria interditado até as 23h30. E um artigo proibindo qualquer equipamento de som, festas sonorizadas, que impactar no silêncio e na segurança dos moradores do entorno. Fizeram essa lei, aqui também, considerada uma

verdadeira aberração, que nesse determinado tempo, contribuiu com a violência, o tráfico de drogas, e o vandalismo em apartamento dos moradores do entorno. E naquele mesmo ano, determinamos ali a construção de um túnel sustentável, subterrâneo, pegando a Consolação até a Av. Pacaembu. Resolveram manter aquela aberração ali hoje, causando maior transtorno, inclusive de saúde, à população do entorno.

Voltando ao assunto da Copa do Mundo, não tem nada a ver, mas observamos a casa caindo. Particpei, antes do começo do mundial da Copa do Mundo aqui no Brasil, apresentei uma tese a qual foi aplaudida por todos, que seria a destinação de 30% dos ingressos a crianças de 6 a 17 anos, que esses ingressos seriam distribuídos às entidades aqui na Cidade de São Paulo, para reabertura do Mundial. Depois comecei a investigar. Sabe o que fizeram com 35% dos ingressos? Desviaram os ingressos da Copa do Mundo, superfaturados, vendendo até 50 mil reais cada ingresso para turistas. Apresentei a denuncia na Interpol, por meio da Organização Internacional de Futebol, da Uni Global e Trabalho, e dá para ver o resultado aí. A casa caindo. Grampearam o ex-governador do Estado de São Paulo José Maria Marins e mais uma máfia de dez. E se eles abrirem o bico, denunciar, a casa vai...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Laerte, ...

O SR. LAERTE BRASIL - E se viu o resultado aí, a casa caindo, não é? Grampearam o ex-governador do Estado de São Paulo, José Maria Marin...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – ... Laerte, conclui para podermos escutar os outros também, por favor.

P - ... E mais uma máfia de 10.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Laerte.

P - E se eles abrirem o bico lá e denunciarem, a casa vai cair aqui, que tem muita gente envolvida aqui no Brasil, hem! A casa cai aqui também.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Obrigado, Laerte.

P – mas aí é essa turma aí que distribui dinheiro roubado para o Exército, através

do Comandante do II Exército, que, enquanto os políticos ladrões fazem a operação terrorista de Estado na área política...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Laerte, ...

P – ... Eles fazem na área militar. Mas aí...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Laerte, conclui, por favor.

P - ... Mas a casa vai cair, porque vou denunciar esse boneco daqui a 30 dias...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Está bem.

P - ... E vou dismantelar essa máfia e desmentir essa farsa macabra do Estado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Laerte.

P – Era o que eu tinha para dizer. Obrigado aí pela palavra. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Chamar Alexandre Moreira para fazer uso da palavra.

O SR. ALEXANDRE MOREIRA – Bom dia, bom dia a todos os Vereadores. Vou falar aqui como participante do Movimento São Paulo sem o Minhocão. Gostaria de fazer só algumas observações.

Livrar o Minhocão dos carros, acabar com ele é uma coisa importante. Acho que ir tirando ele aos sábados, domingo, etc. é uma coisa que é necessária, está no Plano de Desenvolvimento e precisamos tomar uma postura em relação a esse Elevado.

Ele tem uma história trágica, ele nunca foi querido, nunca; ele nunca resolveu o problema. Tivemos uma audiência há pouco tempo com o Prefeito e, ao falar que passam 70 mil carros e atingem a 230 mil moradores, ficou meio evidente que não tem sentido manter lá, porque ele não funciona como artéria de ligação Leste-Oeste – a maior das pessoas usa a Marginal. Se tirar de lá esses carros, não vai fazer diferença, a Cidade vai se adaptar – vai ter suas crises -, mas a Cidade, como falou Renata, tudo, está mudando de modelo: estamos abandonando o carro individual. Então, é assim, se livrar desse problema do carro individual em São Paulo é uma coisa necessária. Hoje a velocidade média na Cidade é de 12, 14 km/h.

Podia não ter sinal, derrubar o Minhocão, botar os carros e não ter sinal, porque se ia conseguir atravessar, porque a velocidade dos carros, na média de São Paulo, é de 12, 13 km/h - é ridícula!

Então, assim, acho que existe um erro grave na lei, de não considerar os problemas de apropriação de espaço público – conforme Renata falou.

Então, o que está acontecendo no Minhocão é que você vai tirar o carro e está criando outro problema muito maior, e esse outro problema, por todas as questões de quem cuida a eventos não é a mesma lei que tira o carro, então pode ter evento, como a lei é igual para a Cidade inteira, então o cara faz evento até às 9h da noite.

E toda a situação física que tem o Minhocão prejudica muito quem mora lá. É uma situação de agressão tão grande quanto o carro. Então não adianta tirar o carro, colocar outro problema e não resolver o problema do Minhocão.

Quanto à questão de que o Minhocão é inerte – como falou Renata Falzoni -, não é inerte! Ele é uma estrutura física que rebate o som. Portanto, ele produz som, ele produz poluição sonora, não é?

Outra coisa, David falou na questão narcisista do Minhocão. Quando você tem uma verruga com câncer, você faz o quê? Você procura retirar.

O Minhocão tem esse significado na Cidade, ele é uma **estrutura fisicamente cancerosa**. E não tem essa coisa de: vamos medir. Ah, tem 5 metros aqui, 8 metros lá, passa o sol, não sei o que.

O simbólico do minhocão é de agressão do chão da cidade. É de negação do chão da Cidade. Não adianta dourar uma pílula. No muro de Berlim, ninguém botou um monte de vasilhas e deixou lá para guardar de memória. Não! Todos guardaram nos bolsos um pedacinho do muro derrubado!

E o Minhocão tem esse caráter: funciona como uma barreira física visual e simbólica da Cidade.

Nesse sentido, acho que tirar os carros é fundamental, mas tem que vir acompanhada da maneira de como fazer essa transição e, de preferência, tirando o restante dos carros o mais rápido possível, ainda que se tenha que tomar uma atitude mais incisiva.

Tiramos os carros, e está cheio de bicicletas. Muitas pessoas acham isso ruim. eu acho ótimo, porque estou vendo a Cidade. Se não posso mais parar em determinado lugar, vou de ônibus ou táxis, mas não entulho mais a Cidade de carro.

A Cidade tem que voltar para o cidadão que anda a pé, no chão, e não a 6 metros de altura. Por mais romântica e bonitinha que pareça a ideia do Parque, temos que pensar em tirar os carros todos de lá, desmontando aquela estrutura. Se a deixarmos onde está, estaremos somente dourando uma pílula.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Alexandre.

Chamo o Sr. Wilson Elias e, depois, o Sr. Antônio de Souza.

O SR. WILSON ELIAS – Boa tarde.

Queria dizer que minhas palavras já foram pronunciadas pela maioria das pessoas.

Quero apenas dar meu depoimento, sendo breve, sem redundâncias.

Minha grande preocupação, como morador do entorno, é com o que está acontecendo, hoje, na Praça Roosevelt e ao seu redor, a respeito da ocupação e de como os espaços públicos vêm sendo ocupados.

Sou totalmente a favor de estarmos nas ruas e andarmos, mas a grande questão é que não estamos preparados para isso.

Fiquei surpreso quando alguém trouxe uma reportagem sobre o Alcides Amazonas, dizendo que era contra o parque por lá, pelo menos, foi isso o que entendi.

Acho que ele está bastante escaldado pelos problemas que está enfrentando em outros parques em outras regiões, onde foram fechados e, depois, houve decreto no sentido de que fossem reabertos. Isso é uma grande preocupação para todos, porque o que temos é uma ocupação imbecil desses espaços.

Nós temos debaixo de nossas janelas, nas ruas em que passamos, todo tipo de ilícitos que já foram aqui elencados exaustivamente.

Quero reforçar a minha grande preocupação e o meu arrependimento de que um dia votei para o desmonte da Praça Roosevelt.

Aquele desmonte trouxe um transtorno muito grande para a região, e o que não tínhamos passamos a ter: drogas a vontade, pessoas dormindo nas calçadas, enfim, a praça virou uma região quase inadministrável.

Temo por um parque superior no Minhocão debaixo das janelas das pessoas, que hoje reclamam dos carros passantes – mas são passantes -, e os outros ficam. E fica realmente aquilo que com certeza não gostarão.

Com relação a desmonte do Minhocão, é meu voto. Concordo que é uma cicatriz, que temos de pensar em alternativas. Alguém disse aqui que essas alternativas surgirão naturalmente. Isso não acontece, porque as pessoas se amontoam.

Há um projeto de se construir uma via leste-oeste em cima da linha de trem. Essa é uma alternativa interessante, e esquecer a questão de festinhas de fim de semana, madrugada, porque uma coisa é um evento programado, outra coisa são aquelas turmas que chegam não sei de onde e ficam, a noite inteira, fazendo barulho, e não há quem consiga coibir uma situação dessas. Essas pessoas, sim, prejudicam muito mais do que os veículos.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Sr. Wilson. Tem a palavra o Sr. Luiz Berti.

O SR. LUIZ BERTI – Bom dia a todos. Moro aqui na rua Augusta, esquina com a rua Caio Prado, e o meu escritório fica na rua Parintins. O Elevado é a via que utilizo na volta para casa, porque geralmente costumo estender o meu horário de trabalho depois das 21h30. Uso o Elevado de forma civilizada.

Não há mais o que falar, muito já foi dito. Acho que o fechamento do Elevado aos

REUNIÃO: 15651 DATA: 28/05/2015 FL: 32 DE 47

sábados pode gerar consequências muito positivas para a Cidade em termos do fechamento do Minhocão completamente, a longo prazo.

As pessoas que vêm da rua Cardoso de Almeida, da Estação Marechal Deodoro, para acessar a ligação leste-oeste farão caminhos alternativos, e pessoas que vêm de mais longe virão por outras vias, então não enxergo que isso gerará fluxo mais intenso embaixo do Minhocão, como já falaram.

E acho muito interessante a perspectiva de uma área de lazer contínua e extensa, que acabe integrando os integrantes da sociedade, de interesses e origens distintos, que virão de longe, desde que seja estabelecido de forma educada.

Como a Sra. Renata falou, a questão principal é a cidadania. A senhora da Subprefeitura da Sé disse que um evento cultural implica em barulho geralmente. De forma geral, sim, porque sempre foi considerado barulho o que a juventude faz em termos musicais.

Hoje temos o *funk*, que é considerado uma abominação; nos anos 60, 70, o *rock n' roll* era uma abominação; nos anos 90 a música eletrônica era uma desgraça sonora. Esse choque de gerações sempre existirá, então é preciso tomar medidas para atenuar isso e conseguir integrar da melhor maneira possível as diferentes gerações, os diferentes pontos de vista, de forma a construir algo positivo, não simplesmente ficar usando de opiniões obtusas e agressividade, querendo impor ponto de vista, elevando tom de voz, etc.

Enfim, é uma discussão muito rica.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra o Sr. Antônio de Souza.

O SR. ANTÔNIO DE SOUZA – Parto do princípio de que política é a mais nobre das artes do ser humano, e tem de haver um trabalho voltado para o coletivo, não para o singular.

Então, peço a todos que baixem a bola um pouco, e que façam mais com o coração do que com essa forma doentia de se expressar aqui. Como disse o colega, o câncer é a

consequência de um desarranjo celular, e a nossa sociedade está doente, por isso precisamos melhorar enquanto pessoas e aprender a conviver e respeitar o coletivo. Enquanto não fizermos isso, nada funcionará no nosso país.

A partir dessa premissa, temos de tomar um cuidado muito grande e sermos extremamente responsáveis, compromissados com a coletividade, pensarmos e refletirmos sobre a situação em que estamos vivendo no País, procurando encontrar caminhos e soluções extremamente coerentes, para que possamos tomar decisões sábias e não cometermos estupidez, como fizeram no Rio de Janeiro, por exemplo.

O CET está presente, acho que ele poderia fazer um estudo, fechar aos sábados, aos domingos, e não permitir que haja nenhum evento nesses dias porque quem mora lá está num sofrimento atroz, com um grau de ansiedade que passou dos limites da condição de vida saudável das pessoas. Então temos de ter respeito por essas pessoas.

A minha sugestão é fechar no fim de semana e medir a poluição sonora, a poluição geral da região; dessa forma, nós começaríamos a entrar num princípio técnico, em que poderíamos tomar uma decisão mais séria, porque não tem sentido ficarmos brigando, temos que parar com isso.

O Minhocão em funcionamento teria de ser obrigado a buscar tecnologias, mas nem se buscam tecnologias e ainda querem acabar com o que já existe. Se o problema for melhorias para o Minhocão, podemos resolver, porque temos inteligências, nós temos a USP, nós temos *startups* aí caminhando. Convida uma *startup* para criar uma situação de melhoria da... Se for esse o problema.

Agora, por outro lado, como pano de fundo é toda essa ação: a paralização do Minhocão vai interessar e vai expulsar muita gente dali, porque por trás disso tudo, se pensarmos neste país grande, que tem interesses, vai virar uma especulação imobiliária. A quem está interessando isso? A muita gente da especulação imobiliária que já acabou e continua destruindo a Cidade em nome do dinheiro, simplesmente do dinheiro.

Nós não podemos, através do nosso pensamento... Eu gosto de andar automóvel, outros não gostam. Eu adoro andar de bicicleta, tenho minha bicicleta. Caminho, circulo. Mas nós temos que pensar no direito coletivo, não no direito individual.

Portanto eu sou inteiramente contrário à desocupação do Minhocão atualmente, seguindo essa linha. Acho que nós temos que usar a inteligência para parar, vamos parar por um mês o Minhocão e vamos ver o resultado disso. É uma medida simples: para o Minhocão por um mês e vamos ver as consequências disso na saúde, no transporte. É uma coisa simples, banal, em vez de, de uma maneira inconsequente, estúpida, absurda, arrogante, produto da doença deste país, e derrubar, paralisar. Isso é fora do comum, não tem coerência, não tem cabimento. Não existe equilíbrio nessas conversas, gente! É uma conversa neurótica, está ultrapassando os limites.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto - PSD) – Obrigado, Antonio. Vou chamar o Vítor Leal e depois o Fábio Fortes. O Vítor Leal representa o Greenpeace.

O SR. VÍTOR LEAL – Bom dia. Sou Vítor, do Greenpeace. Quero começar falando que defender o desmonte do Minhocão ou defender o Parque do Minhocão é defender o fechamento do Minhocão no sábado. Não consigo ver de que outra forma você querer que não tenha mais carros no Minhocão e defender que eles continuem passando por lá aos sábados; para mim é um contrassenso absoluto pesar dessa forma. (Palmas)

Não é verdade que o fato de fechar o topo do Minhocão, a parte de cima, vai provocar um fluxo muito maior de carros embaixo. A verdade é que isso vai fazer com que as pessoas procurem outros meios de transporte. Tem mais de 30 linhas de ônibus lá, tem linha de metrô, tem ciclovias e muitas outras formas de chegar ao centro e de caminhar por ali.

Finalmente quero fechar com duas coisas. Primeiro, como a Renata Falzoni comentou, ter carros ali é o problema e não dá para imaginar que tirar carros pode piorar a poluição. Não consigo entender esse argumento.

Também quem reclamou – e eu acho justa a reclamação – que tem barulho, som alto em momentos complicados, mas quando os carros estão passando o barulho é muito pior, aí não se ouvia som nenhum, só o som dos carros. A verdade é que não dá para ser a favor de melhorar a poluição sonora, a poluição, a quantidade de material articulado, carbono etc. e ser a favor de deixar o Minhocão aberto no sábado durante o dia inteiro.

É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto - PSD) – Agradeço ao Vítor. Fábio Fortes, que preside o Conseg de Santa Cecília.

O SR. FÁBIO FORTES – Bom dia.

Quero parabenizar o Athos Comolatti, que inseriu a discussão no contexto de algo que realmente nos interessa, que essa estrutura é uma aberração na cidade de São Paulo.

Para avançar nesse debate comunitário, democrático, é essencial avaliar o custo de todas essas operações, da manutenção insana que tem sido o Elevado durante todo o período da sua existência, quanto custa isso por ano, quanto custa desmontar e sobretudo quanto custou pelo menos uma *high line*.

Posto isso, é importante avaliar uma situação de desajuste econômico em que as pessoas estão desempregadas, desesperadas, passando fome e a gente aqui discutindo a questão do Elevado Costa e Silva. O Ari Friedenbach falou no nosso Conseg, mandou 300 mil reais de emenda para comprar uniformes para a Guarda Civil Metropolitana, então se vê o estado de penúria das finanças públicas desta cidade. Acrescentar a despesa de mais um parque parece uma insanidade total. Os parques existentes na Cidade parece que não têm a devida acomodação para que as pessoas os utilizem com segurança.

Vejam que a Cidade hoje é o paraíso das cracolândias. Para fazer hoje um evento tem uma série de procedimentos: comunicar à CET, Subprefeitura da Sé, Polícia Militar. Mas para vender e consumir drogas, se apropriar do espaço público não precisa de nada, basta ter o consumidor e o vendedor. Vai lá e se apropria da Dino Bueno, da Barão de Piracicaba, da

Cleveland. Enfim, eu poderia me alongar e falar em cerca de 84 pontos hoje pautados. São 84 pontos de venda de drogas na Cidade que funcionam sem alvará de funcionamento.

Então os senhores que têm essa disposição, se vale a pena o morador, o comerciante serem expulsos dessa região, que o façam. O que vai acontecer ali? As alças do Elevado Costa e Silva já está repletas de usuários de *crack*, e não há nenhuma ação efetiva. A Polícia Militar, por causa da ação do Ministério Público e da Defensoria em 2010, ficou algemada. A GCM tem orientação para ficar pajeando. Pasmem os senhores, eu vi 26 viaturas. Toninho, eu não estou vendo mais a GCM aqui na região. Eu saí do seu Conseg, tenho passado todo dia. A GCM sumiu da Barão da Itapetininga, onde tinha um posto permanente. Hoje tem 26 viaturas na região de Campos Elíseos e, o que é pior, não garantem a segurança.

Chegamos ao ponto de moradores nos pedirem o fechamento, liberar o carro inclusive não domingo por uma questão de segurança. As pessoas jogam coisas, vão fazer eventos lá em cima. Se domingo é o dia de as pessoas descansarem, as pessoas chegam com uma poluição sonora bastante elevada, independentemente da preferência, se é *funk*, se é samba. O fato é que as pessoas teriam o domingo, mas não descansam. Então a abertura dele ao sábado também vai impor aos moradores uma condição de não descansar.

Quem advoga abrir aos sábados, quem advoga fazer um parque, nenhum deles mora em área contígua daquela região.

Então, eu sugiro a eles que, pelo menos um ano, dois anos convivam ali e façam uma reflexão do que estão exatamente advogando. É preciso fazer essa reflexão.

E tem a questão do custo. Falam que a Renali custa 200 milhões de dólares, quer dizer, será que é essa a prioridade? Ou essa é uma discussão eleitoreira para algumas pessoas pegarem essa bandeira e ficarem fazendo esses debates fúteis na sociedade, enquanto outros debates deveriam estar acontecendo para discutir ausência de creches, geração e oportunidades de trabalho e emprego, a cidade que está sendo dominada por dependentes químicos.

Então, vamos ousar, regulamentem a questão. Vamos criar os espaços para que as pessoas possam consumir a sua droga e tal e uma série de coisas. Agora, o que não dá é para fingir essa hipocrisia, porque isso não existe, porque o que estamos vivendo é uma política de cinismo. E me parece que essa discussão aqui na Câmara também é muito cínica, porque se ela quer que aconteça, faça lá em Santa Cecília.

Vamos chamar todos os moradores daquela região, todos os comerciantes, aqueles que estão lá há décadas, há anos. E vamos ver como eles se sentem para que as pessoas possam fazer também um juízo de valor mais perto da realidade e não perto do romantismo, do que seria ideal.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado ao Fábio Fortes.

Tem a palavra o Sr. Atos.

O SR. ATOS – Bom dia.

Eu gostaria de manter o tema. Falou-se muito sobre o parque, mas o tema de hoje é o PL 22/2015, que fala sobre a desativação do Minhocão para os carros. Esse é o tema de hoje, não está se discutindo o parque nem o desmonte. Esse PL modifica uma lei de 96, feita pelo José Eduardo Cardozo, atual Ministro da Justiça, ou seja, apenas atualiza uma situação que está estática há 20 anos, pelo menos.

Muita gente reclama do barulho debaixo e em cima do Minhocão, mas eu não vi, com exceção do Davi, nenhum comentário de que uma das maiores fontes de barulho no Minhocão são os ônibus a *diesel*, não só em relação ao barulho, mas à poluição. E se as pessoas estivessem, na verdade, preocupadas com o barulho iriam pedir há muito tempo ônibus elétrico. Isso eu ainda não vi, especialmente da parte das pessoas que defendem o desmonte.

Quanto à questão de saúde, dizer que parar os carros faz mal à saúde, isso realmente é um contrassenso total. Hoje mesmo coincidentemente saiu na *Folha*, *O Cotidiano*

um estudo do estado de São Paulo, do Governo Alckmin, que a Grande São Paulo tem de reduzir em 26% as viagens de carro para ter ar aceitável. Então, realmente eliminar o carro de sábado você está ajudando, mesmo que se crie alguma dificuldade.

O Professor Saldiva também escreveu especificamente sobre o Minhocão. Foram feitos estudos na sede na nossa associação, que fica no segundo andar, num apartamento do Minhocão. Sintetizou o estudo, depois de dizer que todos os índices de poluição, de barulho, de partículas, estão muito acima, duas ou três vezes a mais do que deveria estar naquela região.

Ele escreve o seguinte: “Tomo a liberdade de expressar-me como cidadão e como médico. Não há justificativa moral para imposição dessa sobrecarga de fatores ambientais à população no entorno do Elevado Costa e Silva. Argumentos associados à fluidez do tráfego, CET/Prefeitura. não deveria se sobrepor a saúde, a qualidade de vida do ser humano. Portanto, seria imperioso que argumentos de saúde fossem incorporados a discussão sobre futuro intensidade de utilização do Elevado Costa e Silva.” Essa é a fala do Dr. Paulo Saldiva. Ou seja, dizer que desculpe o estudo, eu sou engenheiro. Isso é conversa para boi dormir. Dizer que não se sabe como calcular. Alguém já mediu o trânsito lá em cima no sábado? É só colocar um contador. É fácil fazer. Nós cedemos o apartamento para os senhores colocarem sensores. Filmam, vocês tem sistema de radar para tirar a multa de todos. Não tem contadores automáticos? Vocês não gastar nem uma pessoa. É colocar o sensor, vão ver que de sábado á tarde o volume de carro é bem menor, em cima. É simples. Não precisa fazer nenhum estudo da NASA para chegar a essa conclusão. É simples. A solução é simples. Estamos pedindo um sábado para as pessoas. E dizer que não são os moradores que querem isso, é mentira. Nós, na mão, coletamos sete mil assinaturas. Não moram lá... Sr. Geraldo, se o senhor ver, pedimos uma coluna de onde mora, 90% moram na região. Agora se o senhor não quer aceitar. Tudo bem. É só isso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Atos, aqui é uma audiência pública aqui

todos terão direito a fala nem precisa dar contestação. Aqui queremos construir esse ambiente de passividade para uma decisão saudável e eficiente a ser tomada.

Com a palavra o Sr. Daniel Guth.

O SR. DANIEL GUTH – Boa tarde a todos. Quero falar também na condição de morador da região. Parece-me que a questão geográfica fala mais alto, apesar de que muitas falas aqui colocaram o Minhocão na condição de cicatriz da cidade. Não cicatriz de um micro bairro. Sou morador do Centro, Bexiga, sou morador vizinho a Vila Itororó, e convivo com outra cicatriz que é a 23 de Maio, que nos roubou um rio importante da Cidade de São Paulo, e sofro as mesmas consequências, de quem sofre com o Minhocão, a questão do tráfego intenso de automóveis na 23 de Maio. Meu irmão é morador contigo do Minhocão. Convivo com a casa dele também e faço uso diário da ciclovia aberta à população, que passa por baixo da estrutura do Minhocão e aí agradeço o Tonobohn e a CET pela infraestrutura do viário implantando, tão importante, apesar da ciclofobia do Fábio Forte, que teima em ser contrário. Agradeço muito. Eu era usuário da Alameda Barros, agora embaixo de Minhocão passa a revitalizar importante área, e acredito que o projeto como um todo, não só de fazer circular pessoas ali, mas de requalificar com iluminação, com jardinagem e tudo mais, vai dar um novo uso por baixo do Minhocão, apesar do ceticismo de muita gente.

O foco dessa audiência pública, na verdade muito claramente é a questão do fechamento aos sábados. Eu fui chamado para isso. Não fui chamado para discutir o futuro do Minhocão. Venho aqui representando a associação dos ciclistas urbanos de São Paulo, que é a Ciclo cidade, onde sou diretor de participação e vim discuti uma medida que é fundamental que batalhamos por um ano e meio, para ser incluído no Plano Diretor Estratégico de São Paulo, que é o desestímulo do veículo individual motorizado especialmente na questão do Minhocão o fechamento dele no prazo, não tem prazo determinado no Plano Diretor Estratégico, mas ele vale para os próximos 16 anos. Portanto, a medida de retirar o uso do Minhocão aos sábados como uso viário, é absolutamente convergente com o que diz o Plano

Diretor Estratégico.

Se há uma resistência por essa medida que se discutisse lá atrás. Plano Diretor é Lei da Cidade, rege o crescimento da Cidade, o Plano Diretor está estabelecido, portanto, o Minhocão, como viário será desativado. Desativar aos sábados é uma medida tão fundamental quanto desestimular o uso do carro. O Tonobohn deixou muito claro no início de que há teorias e estudos da própria CET, inclusive foi encomendado anos atrás, pela Emurb, um estudo que justificava quando da desativação do Minhocão como viário, a malha viária da cidade se justificava e absorvia a quantidade de automóveis que hoje passa por lá. Portanto, desativá-lo para o viário, devolve-lo ao uso das pessoas é uma medida necessária. As outras dimensões de uso, elas na verdade escondem um profundo higienismo e um profundo preconceito que as pessoas têm com relação ao uso dos espaços públicos da Cidade de São Paulo.

Não se resolve segurança pública blindando carros. Não se resolve segurança pública subindo muros e colocando grades, cercando, e colocando câmeras na cidade como um todo. Resolve segurança pública indo na raiz do problema. Não se resolve mobilidade urbana abrindo mais avenidas, abrindo novos viadutos, novos tuneis. Mas indo para a raiz do problema. Que é discutir os conceitos principais do que a queremos estimular. Qual cidade nós queremos construir, com relação de vizinhança e de convívio social que queremos construir. Justificar a manutenção dos carros e o viário do Minhocão como ele está hoje, a partir de uma noção torpe e destorcida do que é segurança pública é um absurdo. Senti, praticamente em um circo, quando as pessoas defendem a manutenção do carro, e a manutenção da poluição e de todos os malefícios que o carro causa, a partir de uma noção de que as pessoas não podem conviver em sociedade. Nós, ciclistas, como defendeu o Vitor Leal, como defendeu a Falsone, como muitos aqui defenderam, somos favoráveis ao fechamento do Minhocão, sábados como viário, como medidas importantíssimas de desestímulo a esse modal que hoje representa um terço das viagens da cidade, mas detém 80% do espaço público viário disponível. Portanto, é uma questão de equidade social, de justiça, e faço aqui valer meus direitos.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradecer o Daniel, e encerramos a participação. Vou trazer a mesa. Já tinha solicitação do Colega Ari Friedenbach, para fazer uso da palavra, nobre Vereador Paulo Fiorilo, fará uma sugestão.

Com a palavra o nobre Vereador Ari Friedenbach.

O SR. ARI FRIEDENBACH – Serei breve, mesmo porque não tem muita coisa a falar. Sou favorável ao desmonte do Minhocão, diante de uma solução viária. Não podemos imaginar que o transporte público da cidade de São Paulo hoje dá conta de absorver todo mundo que anda de carro. Então é uma necessidade os carros hoje na estrutura que nós temos.

Creio que também é uma necessidade pensarmos em alternativas viárias, não vi o estudo apresentado pela CET, ainda, mas vi alguns estudos a respeito de que não há como simplesmente proibir o tráfego do Minhocão e a avenida embaixo absorver isso.

Penso também que é um problema sério se pensarmos no Parque do Minhocão, tema que tenho debatido bastante aqui com o Vereador Police Neto, por que: primeiro é a questão da poluição embaixo, pois a degradação urbana da Avenida São João vai continuar cada vez pior. Creio que seria muito importante para a cidade de São Paulo, para os seus cidadãos, nós desmontarmos o Minhocão com uma solução viária (Palmas) e aí sim revitalizar aquela parte de baixo que está absolutamente degradada. Ainda que a ciclovia traga algumas melhoras sim, mas se conseguirmos tirar aquela cicatriz da cidade de São Paulo e tornar a Avenida São João uma área bonita, com os prédios históricos que temos ali, seria uma solução muito importante.

Agora, creio que essas coisas têm que acontecer passo a passo, nós temos que ter uma estrutura para absorver esse trânsito que é uma importante ligação sim entre a zona Leste e a zona Oeste, da cidade de São Paulo.

É só isso o que eu queria colocar.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Obrigado Vereador Ari.

Tem a palavra o Vereador Paulo Fiorilo.

O SR. PAULO FIORILO - Sr. Presidente, eu não pude acompanhar toda a audiência, mas queria deixar duas sugestões para avaliação posteriormente: a primeira, um pouco o senhor já abordou, seria para que a segunda audiência pública pudesse ser feita na região. Creio que há espaço, é possível, facilita o acesso de todo mundo, aos que são favoráveis e aos contrários. A retirada ou não do Minhocão é um projeto que está em pauta, que é o fechamento aos sábados. Estou deduzindo que é isso.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Exatamente.

O SR. PAULO FIORILO - Nós votamos em primeira, imagino que a discussão aqui gire em torno do projeto. Então que se faça a discussão lá.

Sugiro também que convidemos a Polícia Militar. Eu estou numa dúvida cruel quem é o responsável pela segurança nesta cidade. Podemos levar a polícia para fazer a discussão – eu não estou falando só do Minhocão, mas de todos os cantos da Cidade.

Vim de uma reunião da zona Leste e o pessoal está reclamando que estão roubando os professores, assaltando, roubando os carros do lado das escolas. Bom, aí é assim, nós estamos vivendo uma esquizofrenia, o poder Público, quem tem responsabilidade.

Quero deixar a sugestão porque poderíamos fazer um debate na sua totalidade, inclusive para quem mora, vive, trabalha, tem seu comércio lá e vive a situação que vive.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Obrigado Vereador Paulo.

Tem a palavra o Sr. Tonobohn, para as suas considerações; depois farei o encerramento.

O SR. RONALDO TONOBORN – Bem rapidamente, Vereador, quero dizer para dar um pouco mais de subsídio para essa discussão. Hoje, num dia de semana, na hora pico,

passam no Minhocão cerca de seis mil veículos. O volume do sábado, no início da tarde, nós contamos - sim, fizemos contagem, a CET tem uma grande especialidade nisso – que é 17% inferior a esse volume médio de seis mil veículos.

O problema é que a contagem em si não é suficiente. A maneira como essas viagens se distribuem, as origens e os destinos, são diferentes do padrão de viagens durante a semana. É essa a nossa dificuldade, porque a base da nossa rede de simulação que é a pesquisa OD do Metrô não mostra o padrão de viagens, não mostra as origens e os destinos aos sábados.

É nisso que nós estamos aprofundando um pouco mais os estudos e alguns cenários que foram colocados, a pedido do Sr. Prefeito, que estudássemos.

Então, devemos levar mais uns 20 dias, talvez 30, para concluir esses estudos, avaliar a quantidade de dados que teremos de levantar.

No mais, concordo com a Renata. Voltando a citar o que o Athos acabou de mencionar, foi publicado ontem pela Cetesb um estudo dizendo que a região metropolitana de São Paulo para sobreviver, para poder respirar, tem de reduzir 26% das viagens realizadas hoje por carro.

Então, essa é a questão que está colocada: como fazer isso e como fazer de maneira civilizada em uma Cidade, como está sendo colocado, que ainda não sabemos conviver. E acredito que a opção pelo carro, essa opção individual, é fruto da característica de nossa sociedade, de não saber conviver, de não saber partilhar espaços. Então, acho que há uma questão muito mais profunda aí para ser discutida e que levará mais tempo.

Mas, do ponto de vista estritamente funcional, já temos algumas avaliações do que deve ser feito para melhorar as condições de quem caminha a pé, para melhorar as condições de quem usa bicicleta, se tirarmos o fluxo de veículos ali.

Quanto à questão ambiental, estamos estudando - e, evidentemente, isso levará um pouco mais de tempo -, não a adoção de veículo elétrico na frota de ônibus, mas estamos

testando veículo elétrico autônomo, porque o trólebus requer um investimento muito mais alto e uma rede que precisa de uma manutenção mais severa.

Estamos testando, hoje, ônibus à bateria que ainda deve levar uns cinco anos para entrarem na frota. Quer dizer, isso acontecerá, mas ainda levará um tempo. Mas a ideia é que comecemos a substituir a frota, na rede estrutural, por ônibus elétricos autônomos e não trólebus.

Acho que esses são os subsídios que temos para colocar para discussão. Concordo que temos de refazer essa discussão, mais para frente, com um pouco mais de profundidade.

No mais, agradeço muito o convite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço todos aqueles que se manifestaram.

Farei uma breve fala, que será um convite para o próximo encontro. Jamais falei que era favorável ao desmonte. Na realidade, não concedi nenhuma entrevista à *Folha*. Participei de um debate em que falei que o Minhocão nunca deveria ter sido construído. Portanto, quem assistir ao debate que fiz com Sérgio, um técnico de transporte, constatará que em momento algum falo do desmonte ou da demolição. Isso está lá no site da *Folha*, à disposição de todos. E há uma disposição minha, e tenho visto uma disposição de todos os Srs. Vereadores, para entender a noção precisa do que hoje, de fato, o Minhocão representa para a Cidade; que elemento é esse que entusiasma as futuras gerações a usar ou não o carro. O esforço que estamos fazendo para termos uma gradual desativação dele é porque precisamos enfrentar esse modelo de carro-dependência que nos trouxe ao esgotamento. A fórmula como faremos isso é o debate que fizemos hoje, com falas mais duras, com falas mais agressivas, que também são naturais pelo modelo que aceitamos, absolutamente individualista, a partir dos anos 30/40. Aceitamos esse modelo e alguns estão dispostos a rever. Outros ainda não. Sou daqueles que estou disposto a rever modelos. Revi o meu modelo

REUNIÃO: 15651 DATA: 28/05/2015 FL: 45 DE 47

de circulação na Cidade. Não uso carro para 80% da minha circulação, uso bicicleta, transporte público coletivo. Não porque alguém me obrigou, porque reconheci que essa era a fórmula mais adequada para me deslocar para determinados trechos. Isso não quer dizer que não uso carro. Uso carro porque parte dos deslocamentos com a minha família ou faço com carro, ou não consigo.

Portanto, não satanizo o carro, mas reconheço que podemos prestar contribuições à Cidade sim, se soubermos também observar o que estamos oferecendo a ela. Mais do que isso, acho que o debate de como ocuparemos espaços públicos também é um desafio posto neste momento, não só aos sábados quando fechamos, se o projeto como desejo for aprovado, mas aos domingos que não temos a regra ainda. Isso é absolutamente importante, definir a regra que controla ruído não só para as pessoas, mas prioritariamente para os carros ou para as motos é essencial.

É essencial, portanto, que esta Cidade para as pessoas seja medida antes de se acusar a necessidade da mudança. Aqui antes de fazer a mudança, que me parece, todos querem, começamos um processo de acusação. De tirar do outro algum efeito por esforço que ele está fazendo para mudar a realidade que não é boa. Portanto, estamos diante de uma realidade que não é boa, mas me parece que alguns que querem a mudança pregam a não mudança. Juro que não consigo entender. Se nós estamos pregando de fato a mudança, a mudança será ter no projeto de lei, sem dúvida nenhuma, com a contribuição que vamos ter de Vereadores e da sociedade, as regras de ocupação desse espaço, com a capacidade de mediação que nós temos em São Paulo, mas não do arbítrio de um ou de outro, por mais próximo que seja a minha casa, por mais distante que seja, porque ela é uma relação de vizinhanças e de cidadãos e, portanto, temos de ter essa capacidade que talvez revelada no Minhocão melhore a Roosevelt, melhore o Ibirapuera, melhore a todos.

Estou dizendo isso pela disposição absoluta para esse debate, mas estou convencido de que se não dermos o primeiro passo, o Minhocão continuará com 70 mil

veículos, a cidade carro dependente morrendo. Quem nos trouxe um estudo que quero poder disponibilizar, vai ficar no processo, da questão de saúde, foi a Defensoria Pública. Eu não inventei o estudo que anunciava que a redução da circulação de carros ali em cima era benéfica à saúde. E não como vêm trazendo alguns que dizem que estamos tentando por as pessoas em algum lugar que elas não devem estar. O carro nunca deveria estar ali sobrepondo a vida das pessoas. Isso nós queremos enfrentar verdadeiramente, os carros não podem sobrepor a vida de cada um de nós, por mais velocidade que queiramos dar a eles.

E nesse enfrentamento queremos contar com vocês, sabendo das diferenças de opinião. O que não dá aqui é aqueles que querem promover a mudança, se agredir porque o ponto final da mudança me parece que não estou convencido de que o seu é melhor. Prefiro acreditar que você me ajuda a fazer a mudança do que ser meu adversário para nenhuma mudança realizar.

Então saio daqui muito satisfeito com o nosso debate. Quero agradecer de fato todos os que vieram. Vamos realizar pelo menos mais um debate na expectativa de que a CET nos traga alguns resultados que ampliem as informações do sábado. Estou convencido de que podemos escrever a melhor lei para o sábado e ela vai ser um canal absolutamente indutor do que devemos fazer até o final do ano, ou quem sabe começo do ano que vem, já com os estudos do IPT de qual a fórmula de desativação definitiva de circulação de carros no Minhocão e, portanto, oferecer à cidade de São Paulo algo que não seja a carro dependência e uma via elevada que serve só ao carro e, portanto, aponta uma Cidade que já se esgotou. Precisamos criar a Cidade do futuro e não ficar lambendo as feridas da Cidade do passado.

Boa tarde a todos e muito obrigado.